**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN**

**Diretoria de Educação e Ciência – DIAC**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Curso: Tecnologia em Redes de Computadores**

**Turma: 20121.1.01415.1V**

**Ano letivo: 2012.1 – Carga-horária: 69h/a**

**Prof. Dr. Florêncio Caldas de Oliveira**

Texto teórico 3

**Sequência narrativa**

O texto classificado como narrativo caracteriza-se por ter a **sequência narrativa** como dominante (no caso de também estarem presentes a dialogal e a descritiva, por exemplo) ou exclusiva (no caso de não haver outras sequências presentes no texto).

Assim, como as demais sequências (dialogal, descritiva explicativa e argumentativa), a **narrativa** possui características que lhe são peculiares:

1. a presença do relato de um fato real ou fictício, seja um fato desenvolvido ou condensado;
2. a presença de verbos encadeadores da história (relato do fato), dispostos numa relação de causa – consequência (anterioridade – posterioridade) ou concomitância e flexionados no pretérito perfeito do modo indicativo;
3. a presença de uma macroestrutura composta, quando completa, das seguintes partes: *situação* *inicial* / *complicação* / *resolução* / *situação* *final* / *moral* ou *avaliação*.

As partes dessa macroestrutura dizem respeito, especialmente, à evolução do fato relatado. A *situação inicial* corresponde a uma fase da **sequência narrativa** em que ainda não se formou o conflito gerador da história. De certa forma, cria condições para que ele surja. A **complicação** diz respeito ao surgimento e evolução do conflito. Constitui, geralmente, a parte mais desenvolvida. A **resolução** dá fim ao conflito fazendo surgir uma solução para ele. A **situação final**, decorrente da **resolução**, apresenta um quadro finalizador para a história contada. A **moral/avaliação** consiste na reflexão que pode ser abstraída da história contada.

Enquanto todas as demais partes da sequência narrativa se situam no plano figurativo, a *moral/avaliação* remete para o temático. Somente resgatando-a, no caso de estar implícita, o leitor poderá, em certos casos, definir com segurança a intenção comunicativa presente.

Tomando-se como exemplo um conto tradicional infantil, tem-se a seguinte distribuição das proposições:

**BRANA DE NEVE**

|  |  |
| --- | --- |
| situação inicial | A invejosa madrasta de Branca de Neve trata-a como serviçal |
| complicação | Um dia, a madrasta descobre que Branca de Neve é a mulher mais bonita do reino e resolve dar fim à enteada. Contrata um caçador que... |
| resolução | Fingindo-se de vendedora de maçã, a madrasta oferece uma fruta envenenada à moça. Ao mordê-la, ela perde os sentidos e é colocada, pelos sete anões, em um caixão funerário, no qual permanece em sono profundo. |
| situação final | Impressionado com a beleza de Branca de Neve, um príncipe vindo de um reino distante, beija-a e sacode desesperadamente o corpo da suposta defunta na tentativa de despertá-la. O movimento provocado pelo rapaz faz a moça expelir o pedaço de maçã envenenado. Nesse momento, o feitiço é desfeito e o par romântico tem seu momento de glória. |
| moral/avaliação | Sempre há um antídoto para o mal. |

Nem sempre as partes da macroestrutura da **sequência** **narrativa** apresentam-se na ordem explicitada acima. Pode-se iniciar a sequência pela *situação final*, *resolução* ou *moral/avaliação*, por exemplo. Ou se excluem algumas partes, como a *resolução* e a *situação* *inicial*. Ou ainda tornar explícita a *moral/avaliação*, que é muito comum. Todas essas alterações dependem dos propósitos do enunciador, dos efeitos que ele objetiva atingir.

Cabe também ao enunciador do texto eleger o *foco narrativo* que melhor sirva à consolidação da história. Dentre os mais comuns, encontram-se o *foco narrativo de 1ª pessoa* e o de *3ª pessoa*.

No *foco narrativo de 1ª pessoa*, a história é narrada por um dos sujeitos que a viveu, seja ele de importância capital ou até mesmo secundária para o relato. Nesse caso, tem-se uma visão parcial da história: ela é narrada do ponto de vista de um dos sujeitos, admitindo-se, pois, outras versões para explicitar determinadas constatações.

Já no caso de *foco narrativo de 3ª pessoa*, o narrador não se insere na história como um dos sujeitos que a viveram. Nesse caso, tem-se a visão de fora a qual tanto pode apresentar-se de forma onisciente (quando o narrador conhece a profundidade daquilo que narra, sendo capaz de revelar o que se encontra superficialmente oculto), quando como observador dos fatos (quando apenas registra o que pode ser percebido pelos sentidos).

Essas formas básicas de *foco narrativo* não esgotam os modos de focalização diversos e inventivos a que o enunciador pode recorrer para realizar seus intentos. Revelar tudo sobre um dado personagem e sobre um outro, apenas o essencial, intrometer-se na história e comentá-la com o leitor ou ser onisciente, ora em relação a um personagem, ora em relação a outro são algumas possibilidades de foco narrativo utilizadas, por exemplo, em textos literários. Mais uma vez, cabe ao enunciador eleger aquilo que torne o texto mais interessante ou mais eficiente.

São muitos os gêneros textuais em que a sequência narrativa se apresenta, seja de forma completa ou incompleta: conto, romance, notícia, depoimento policial...

**REFERÊNCIAS**

ADAM, J. M. **Les** **Texts:** types et prototypes. Paris: Edicions Nathan, 1992.

PLATÃO & FIORINI J. L. **Lições** **de** **Texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.